

DOIS CORAÇÕES PARTIDOS.
DOIS SEGREDOS TERRÍVEIS.



TUDO
ME LEVA
DE VOLTA
A VOCÊ

MELISSA WIESNER

Rocco:
DIGITAL

MELISSA WIESNER

**TUDO
ME LEVA
DE VOLTA
A VOCÊ**

Tradução de Ana Rodrigues

Rocco:
DIGITAL

*Para Sid. Este livro só poderia ser para você.
Obrigada pela inspiração.*

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Prólogo

Parte I

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Parte II

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Parte III

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Quarenta

Quarenta e um

Uma carta de Melissa

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

PRÓLOGO

VERÃO, DIAS ATUAIS

A dra. Anna Campbell havia passado a última década e meia tentando não voltar ao lugar onde crescera. Mas logo além daquelas portas de saída do aeroporto agigantava-se Pittsburgh, na Pensilvânia — cidade da qual passara a infância tentando escapar.

Para ganhar coragem, Anna levou a mão ao pingente de ouro que usava havia duas décadas em um colar ao redor do pescoço e esfregou o polegar nas delicadas linhas gravadas na superfície. Não era mais uma menininha assustada e desesperada, e aquela viagem era a sua chance de finalmente encontrar as respostas que passara a vida buscando.

De finalmente deixar o passado para trás.

Anna endireitou os ombros e seguiu os outros passageiros cansados pela escada rolante, mas hesitou conforme as pessoas ao seu redor se dirigiam às esteiras de bagagens ou às portas de correr além das quais amigos e parentes as aguardavam. Ela não tinha bagagem a recolher; todos os seus pertences estavam guardados na mochila às suas costas. E ninguém a esperava no aeroporto tão tarde da noite. Assim, Anna procurou por uma placa que indicasse onde poderia pegar um Uber.

Ela estava prestes a cruzar as portas quando ouviu uma voz baixa, vinda de algum lugar mais atrás:

— Alguém poderia chamar um médico?

Anna se virou, a própria apreensão esquecida quando seu olhar encontrou um dos homens mais bonitos que já vira, a menos de um metro de distância, encarando-a. Ela parou onde estava, imóvel enquanto sua mochila deslizava do ombro e caía no chão.

Os lábios do homem se curvaram em um sorriso.

— Gabe! — exclamou Anna em um arquejo, correndo na direção dele.

Ele a encontrou no meio do caminho, ergueu-a e girou com ela nos braços.

Gabriel Weatherall, seu melhor amigo no mundo.

— Não acredito que você está aqui — disse Anna quando Gabe finalmente a colocou de novo no chão.

O avião dela pousara depois da meia-noite, e Anna havia dito a Gabe que encontraria um quarto em algum hotel perto do aeroporto e dormiria um pouco. Mas deveria ter imaginado que isso não o impediria de aparecer.

— Você não achou mesmo que ia conseguir voltar ao país de fininho depois de tanto tempo, né? — perguntou Gabe.

— Bom, não exatamente de fininho — respondeu Anna com um sorrisinho de lado. — Talvez só na ponta dos pés.

Gabe só balançou a cabeça e suspirou, em um movimento que misturava bom humor e um toque de alguma outra coisa. Frustração, provavelmente.

— Você sabe que a minha família estava contando os dias para a sua chegada, não sabe?

O coração de Anna deu um salto inesperado no peito: a família de Gabe, os Weatherall. A família enorme, ruidosa, gentil, amorosa e imperiosa de Gabe. Eles faziam parte da vida de Anna desde que ela era menina, e ter sido abraçada por aquelas pessoas foi a melhor coisa que já lhe havia acontecido. Ainda assim, em alguns momentos, como naquele dia, Anna tinha consciência de que nunca seria como eles. Os Weatherall viam a vida como motivo para celebração — e quanto mais barulhenta e cheia de gente fosse essa celebração, melhor. Anna, por sua vez, só queria se esconder até descobrir o que fazer a seguir.

Como se pudesse ler sua mente, Gabe disse:

— Você tem sorte de a família toda não ter vindo para a área de desembarque com uma banda e fogos de artifício. — Ele ergueu as sobrancelhas e olhou de soslaio para ela. — Falei para eles que isso talvez fosse um pouco demais para o seu gosto.

Gabe estava exagerando, mas só um pouquinho. E, como sempre, a conhecia melhor do que ninguém. Ele sabia sobre seu passado, sua infância, e compreendia todas as razões pelas quais era difícil para Anna se abrir tão facilmente para as pessoas como a família dele fazia.

Bem, ele entendia a maior parte. Havia algumas coisas que Anna não contara a ninguém.

Ainda assim, ela sabia que suas reservas às vezes o frustravam.

Anna lançou mais um olhar de relance para ele, que se virara para pegar a mochila dela. Quatro anos se passaram desde a última vez que o vira. Como Gabe já passara dos trinta, havia algumas ruguinhas ao redor dos olhos dele e, por mais que ainda fosse esguio, ganhara mais corpo desde que Anna partira. E, obviamente, aquilo só o tornava ainda mais atraente.

Gabe se virou e a flagrou observando-o.

Anna ouviu, de algum lugar distante, um zumbido baixo que começou discreto e foi aumentando de intensidade. Por um segundo, achou que a esteira por onde giravam as bagagens tinha sido acionada, mas não. Era só ela — só a sensação intensa que abalava suas estruturas sempre que estava perto de Gabe.

Pela ligeira tensão no canto dos olhos dele, dava para ver que Gabe tinha sentido o mesmo.

De repente, Anna se viu transportada para a última vez que o vira, naquela noite de início de junho, quatro anos antes. Ela se lembrou dos dois na varanda da frente da casa dos pais dele e de como aquelas tábuas de madeira que os separavam pareciam um espaço maior do que o oceano que ela acabara de atravessar. Lembrou-se da expressão perplexa no rosto de Gabe e da mágoa refletida em seus olhos enquanto ela recuava de todos os limites que os dois quase haviam ultrapassado.

E Anna recuou novamente naquele momento, no aeroporto, inclinándose para pegar o casaco e revirando os bolsos, como se encontrar o passaporte tivesse se tornado urgente de súbito. Gabe bufou baixinho, e lá estava aquela sombra de frustração de novo.

Pela milionésima vez desde aquela noite tempestuosa de primavera em que deixara o país, Anna se perguntou que efeito o tempo e a distância

teriam tido na forma como Gabe enxergava o último encontro deles. Será que também se sentia satisfeito por terem parado antes que qualquer coisa acontecesse entre os dois?

Será que, ao mesmo tempo, também lamentava?

Ela jamais perguntaria.

Os dois conversavam sobre tudo. Tudo, menos aquela eletricidade pulsando entre eles. Aquele assunto estava tão fora de questão que nem sequer era cogitado. Porque, se havia uma coisa que importava mais do que tudo, uma coisa que Anna se jogaria na frente de um trem acelerado para proteger, era sua amizade com Gabe.

Era a única coisa na vida com que ela já pudera contar.

PARTE I

UM

OUTONO, QUINZE ANOS ANTES

Anna respirou fundo, trêmula, tentando acalmar o coração disparado enquanto, do seu lugar na frente do auditório, a professora sacudia um papel com uma lista de nomes. O cara sentado à direita lançou um olhar mordaz para os tênis gastos de Anna, e ela pressionou a perna com a mão para conter o movimento nervoso que a fazia ficar balançando os pés.

A pessoa cujo nome a professora estava prestes a chamar não imaginava que o futuro de Anna dependia dela. Anna fazia parte de um pequeno grupo de alunos do ensino médio que tinha se qualificado para acompanhar aquele programa gratuito na faculdade, e o projeto era sua chance para uma bolsa de estudos no futuro, para uma vida na qual não precisaria estar o tempo todo apreensiva.

O barulho penetrante do papel sendo desdobrado na mão da dra. McGovern ecoou pelo auditório enquanto ela deslizava o dedo lista abaixo até parar.

Anna segurou com força a bainha da camiseta de segunda mão que usava, aguardando a professora dizer quem formaria dupla com ela no projeto.

— Gabriel Weatherall.

O olhar dela disparou para o outro lado do auditório até encontrar o cara alto, de cabelo escuro, esparramado na cadeira e girando distraidamente uma caneta entre os dedos.

Ele levantou o queixo em um cumprimento rápido para ela, então desviou os olhos. No entanto, menos de um segundo depois, voltou a virar a

cabeça rapidamente na direção de Anna e ficou encarando-a boquiaberto, em uma demonstração quase cômica de reconhecimento tardio.

Bom, teria sido cômico se a vida dela não estivesse em jogo ali.

Anna se forçou a abrir um sorriso simpático.

Quando o garoto ergueu as sobrancelhas e seus lábios se curvaram em um sorriso de desprezo, Anna sentiu a futura bolsa de estudos escapando de suas mãos.

A dra. McGovern reuniu os pares restantes de alunos em sua lista, então começou a aula, mas Anna não ouviu nem uma palavra sequer. Ela apoiou um cotovelo em cima da carteira e puxou o cabelo castanho para a frente do rosto, como se fosse o tipo de garota que se preocupava com coisas como pontas duplas. Então olhou por entre a franja longa, reparando no cabelo escuro e cheio de Gabe, na camiseta de fraternidade estudantil e nos braços cruzados diante do peito largo em uma postura de total autoconfiança. Metade das garotas da turma daria tudo pela chance de trabalhar com Gabe pelos próximos dois semestres, mas... ai, Deus, como Anna queria ter qualquer outra pessoa na dupla.

Aquela era a segunda matéria que fazia com ele, embora Gabe jamais tivesse reparado nela no fundo da sala. Mas Anna sabia quem ele era. O exemplo de um cara com uma vida perfeita. Ele se movia e falava com tanta confiança que certamente jamais havia experimentado qualquer dificuldade na vida, e era o tipo de homem para quem os pais repetiam que ele era inteligente e especial desde o dia em que nasceu. Tudo em Gabe refletia aquilo, desde a forma como mergulhava em discussões teóricas com os professores até a forma como tinha as garotas das sororidades se aglomerando ao seu redor, dando apenas a atenção mínima necessária para que elas continuassem a adorá-lo — mas nunca a ponto de limitar suas opções.

Tudo bem, Gabe *era* inteligente, e Anna havia concordado silenciosamente mais de uma vez ao ouvi-lo defender um argumento em sala de aula. Mas ele também era atraente demais, arrogante demais, indomável demais. Ela precisava formar dupla com alguém que abaixasse a cabeça, que não chamasse atenção e que estivesse disposto a trabalhar

arduamente. Ou melhor ainda, que recuasse e deixasse que ela assumisse a frente do projeto. Gabe Weatherall não faria nenhuma dessas coisas.

Depois da aula, Gabe se encaminhou para a porta cercado pelo grupinho de sempre, sem se dignar a lançar nem um olhar sequer na direção de Anna. Ela se demorou guardando os livros na mochila. Com sorte, ele ficaria tão distraído que nem se lembraria de esperar por ela, e talvez ela pudesse sair sem ser vista, deixando para falar sobre o projeto mais tarde. Se conseguisse fazer algumas pesquisas primeiro, poderia planejar o que dizer quando os dois realmente se encontrassem.

Mas, quando saiu da sala, Anna viu Gabe encostado na parede, sozinho, olhando para a porta. Os olhos deles se encontraram, e ela sentiu um frio na barriga. Gabe tinha olhos de um azul pálido, com bordas prateadas... Olhos como aqueles não pertenciam a alguém com cabelos tão escuros, mas ali estavam, encarando-a como nuvens de tempestade com o sol espiando por trás. Como nunca havia reparado naqueles olhos antes?

Anna se repreendeu mentalmente.

Nuvens de tempestade? Ah, para com isso.

Gabe ergueu a mão em um aceno desanimado e ela desacelerou o passo.

— Oi. — Anna parou na frente dele e obrigou os lábios a se curvarem em um sorriso. — Acho que somos uma dupla nesse projeto.

Gabe não se deu ao trabalho de sorrir de volta. Em vez disso, analisou-a de cima a baixo.

— Quantos anos você tem?

Anna apertou o caderno contra o peito para esconder a camiseta grande demais, com a logomarca de uma loja de ferragens. Um dos namorados da mãe deixara a blusa para trás depois de ter sido chutado para fora de casa. O cara era encanador, e Anna lamentara a partida dele, um dos poucos namorados legais que a mãe já tivera; enquanto esteve por perto, garantiu que elas tivessem o aquecedor sempre funcionando, sem necessidade de bater nele com uma lata de ervilhas. A camiseta era grande demais para Anna, mas era exatamente por isso que ela gostava de usá-la — era mais fácil se esconder.

Mas por que não havia se lembrado de que aquele era o dia em que seriam anunciadas as duplas para o projeto e tentado parecer um pouco mais apresentável? Naquele momento, percebia que estava sobrando dentro daquela camiseta enorme, ainda mais porque tinha certeza de que havia perdido peso recentemente. E ter mais de um metro e setenta e cinco também não ajudava. Na maior parte do tempo, a altura só enfatizava a estranheza dela. Um garoto no ensino médio havia dito que Anna o fazia se lembrar do Bambi — com joelhos ossudos e enormes olhos castanhos. E ele achava que estava fazendo um elogio.

Bem, a melhor coisa a fazer era fingir confiança. Por sorte, Anna havia se tornado boa em atuar nos últimos tempos. Ela pigarreou.

— Prazer. Meu nome é Anna Campbell.

Gabe piscou, atônito.

— Você é caloura?

— E... qual é mesmo o seu nome?

Anna endireitou os ombros e se ergueu em toda a sua altura. Aquilo sempre funcionava no seu trabalho no mercado quando precisava lidar com algum cliente aborrecido. *Droga*. Gabe continuava a ser uns quinze centímetros mais alto do que ela e não parecia nada intimidado, embora parecesse achar tudo muito divertido.

— Gabriel Weatherall. Meus amigos me chamam de Gabe.

— Bem, Gabriel, parece que vamos trabalhar juntos pelos próximos dois semestres. Então talvez a gente devesse trocar os nossos e-mails e combinar um encontro.

Gabe hesitou por um tempo longo o bastante para fazer Anna se encolher por dentro. Será que estava pensando em uma forma de se livrar daquela situação? Por fim, ele pegou o caderno da mão dela, abriu em uma página em branco e anotou seu nome, e-mail e número de telefone.

— A melhor maneira de falar comigo é por mensagem de texto — murmurou.

Ele devolveu o caderno para ela, que escreveu lentamente o próprio telefone e e-mail. Gabe esticou a mão para pegar, mas Anna hesitou.

Ela não podia mandar mensagens de texto para ele. Não tinha celular, só uma linha fixa e um telefone sem fio nojento que já estava no apartamento quando elas se mudaram. Anna encolheu os dedos dos pés dentro do tênis e se esqueceu de que deveria fingir ser uma garota autoconfiante.

— Eu, hum... E-mail realmente é melhor para mim, se não tiver problema...

Anna também não tinha computador. Nem wi-fi. Mas ela praticamente morava na biblioteca e poderia usar o computador de lá.

Gabe pegou o papel com as informações dela e ficou olhando para o que estava escrito, como se pudesse tirar dali alguma pista de quem ela era.

— Claro, tanto faz. Então, quando a gente pode se encontrar?

Ela cerrou os lábios. Ele não ia gostar da resposta.

— Bem, eu não posso marcar durante a semana. Só venho ao campus para ter aula às terças-feiras.

Ele passou a mão pelo cabelo, bagunçando-o dos lados. Pelo menos não era o tipo de cara que usava quilos de gel.

— Tudo bem. Eu tenho carro — disse ele. — Onde você mora? Podemos nos encontrar em algum lugar perto da sua casa ou até trabalhar lá.

Anna prendeu a respiração ao pensar naquele universitário atraente e seguro, claramente rico, chegando ao *apartamento* dela para trabalhar no projeto. Gabe acharia... Ela sentiu o rosto corar. Não conseguia nem imaginar o que ele acharia. Mas não tinha importância, porque não tinha a menor chance de acontecer. Contudo, os dois *teriam* que passar bastante tempo juntos ao longo dos próximos dois semestres. Por isso, precisaria contar a ele pelo menos o mínimo sobre si mesma, por mais que aquilo lhe afligisse.

— Olha, eu não posso te encontrar durante a semana. Passo o dia todo na escola. E trabalho depois disso.

Anna viu a expressão dele se tornar confusa.

— Você passa o dia todo na escola. Escola, tipo...

— Escola, tipo ensino médio.

— *Ensino médio?* — Ele recuou como se ela tivesse lhe acertado com um soco. — O que você está fazendo na aula de economia global? Normalmente

são veteranos que fazem essa matéria. — Gabe riu, mas sua expressão era dura. — Veteranos da *faculdade*.

— Faço parte de um programa gratuito para alunos promissores do ensino médio. — Anna não mencionou a parte de que o programa era dirigido a alunos de “baixa renda” ou “em situação de risco”. Ela odiava a expressão “em situação de risco”. Não precisava de um lembrete de todos os riscos envolvidos na situação em que se encontrava no momento. — É um programa bastante disputado. Venho tendo aulas na faculdade desde que estava no segundo ano do ensino médio. Quando eu me formar na escola, vou poder usar os créditos para conseguir o diploma de bacharelado.

Sem mencionar que, caso se saísse muito bem naquele projeto, estaria no radar de todos os professores quando se candidatasse a uma bolsa integral por mérito acadêmico.

Caras como Gabe não precisavam se preocupar com bolsas de estudo.

— Desde que você estava no segundo ano — repetiu ele. — E agora você está...?

Anna suspirou.

— Estou no terceiro ano. Tenho dezesseis anos.

Gabe já era veterano na faculdade, provavelmente tinha vinte e um anos, por isso Anna conseguia entender a surpresa dele ao ter uma aluna do ensino médio como dupla. Mas ele com certeza sabia que a dra. McGovern não teria deixado que Anna permanecesse na turma se ela não estivesse à altura dos outros alunos.

Ele se afastou da parede e deu um passo na direção dela.

— É sério isso? Dezesseis anos? O projeto mais importante da minha graduação e vou fazer em dupla com alguém que ainda não chegou na puberdade?

Anna podia ter só dezesseis anos, mas de repente seu corpo doía como o de uma idosa. Ela havia descarregado caixas no mercado em que trabalhava até as dez horas da noite anterior e depois tinha ficado acordada até a meia-noite fazendo o dever de casa. Toda noite daquela semana seria da mesma forma. Não precisava ficar parada ali, ouvindo aquilo.

Ela levou a mão à cintura e o encarou, irritada. De perto, os olhos dele não eram tão especiais assim. Pensar que a borda era prateada tinha sido um exagero. Era só cinza mesmo. Um cinza turvo, como água suja.

— Olha, sou capaz de fazer o trabalho. Tirei dez em todas as aulas que fiz. Eu me esforço. Você não vai precisar me carregar nas costas. Ou seja, vai continuar tendo tempo para fazer trotes com calouros, embebedar garotas das sororidades com cerveja barata ou seja lá o que for que vocês da fraternidade Theta Chis fazem nas horas vagas.

Anna se arrependeu das palavras assim que elas saíram da sua boca.

Gabe recuou um passo.

— Uau.

Tinha como aquela situação ficar pior? Anna não se surpreenderia se ele fosse até a dra. McGovern e exigisse mudar de dupla. Ela precisara praticamente implorar para fazer aquela aula, e com certeza estaria ferrada se Gabe fizesse isso.

Ele franziu o cenho.

— Lamento te desapontar, mas você entendeu tudo errado.

Ela estava prestes a balbuciar um pedido de desculpas quando a boca de Gabe se curvou em um sorriso e ele continuou:

— A Theta Chis tem classe demais para oferecer cerveja barata às garotas. Normalmente pagamos bons drinques para elas.

Anna abaixou a cabeça para esconder um sorriso.

Gabe suspirou.

— Olha só, estamos presos um ao outro, então é melhor resolvermos isso. Você trabalha aos domingos?

Ela balançou a cabeça.

— Podemos nos encontrar na biblioteca. Ao meio-dia?

Anna assentiu, ainda meio esperando que ele tentasse trocar a dupla.

— Vou me esforçar para não ficar morrendo de ressaca na cama. — Gabe saiu andando e, sem se virar, acrescentou: — Tenta não ficar de castigo até lá.

Ela ficou olhando a figura alta de Gabe dobrar o corredor e se encostou na parede. Como eles iriam trabalhar juntos sem se matarem?

Se os últimos cinco minutos indicavam alguma coisa era que sem dúvida aquele seria um ano bem longo...

DOIS

No sábado à noite, os amigos de Gabe apareceram com um grupo de garotas da sororidade parceira. Eles ficaram na varanda da frente da velha casa de tijolos da fraternidade, bebendo cerveja em copos de plástico e curtindo o que poderiam ser os últimos raios de sol do verão antes de o outono chegar.

Em condições normais, Gabe estaria entre eles — falando merda com Jake e os outros caras, arrasando no *beer pong* —, mas era o último ano e, como o pai gostava de lembrá-lo, hora de começar a pensar no futuro. O que significava entregar suas inscrições para a pós-graduação com antecedência para ter chance nas melhores vagas em pesquisa.

Gabe saiu pela porta da frente com a bolsa pendurada no ombro e acenou para os amigos na varanda. Já estava no meio do gramado quando uma das garotas da sororidade chamou seu nome. Ele se virou enquanto ela descia os degraus da varanda com sandálias de salto alto e jogava o cabelo loiro por cima do ombro, exibindo o bronzeado que provavelmente tinha cultivado à beira da piscina durante o verão.

— Você não está indo embora, né?

A garota ficou mexendo em um dos brincos longos que usava. Ele levantou os olhos para o rosto dela, então brindou-a com um sorriso.

— Desculpa, meu bem. Eu adoraria ficar, mas tenho trabalho a fazer.

Atrás da garota, Jake revirou os olhos e fingiu ânsias de vômito. Gabe tinha certeza de que sabia o motivo: todos os caras o sacaneavam porque, quando ele esquecia o nome de uma garota, acabava chamando-a de “meu bem”.

Aquela em particular não pareceu se importar. Ela abriu um sorriso largo.

— É sábado à noite. Você pode fazer seu trabalho amanhã. Fica e bebe alguma coisa. — Os dedos dela roçaram o braço de Gabe.

Era uma noite linda, e a ideia de ficar com ela era bastante tentadora. Mas o dia seguinte era domingo e ele teria que se encontrar com aquela garota do ensino médio para organizarem o projeto. Não queria nem pensar nisso. E depois ele ainda teria que encontrar a família.

— Desculpa, mas preciso mesmo ir. — Ele olhou de lado para ela. — Mas, olha, vou fazer o possível para terminar tudo a tempo de voltar mais tarde.

A garota lhe lançou um sorriso satisfeito.

— Ótimo. Vou estar aqui.

Gabe acenou uma última vez e desceu a rua em direção ao campus.

• • •

Quando chegou à biblioteca, Gabe foi até a área de estudo principal. Um grupo de alunos com óculos modernos e echarpes estava sentado em um canto, debatendo os méritos de um romance best-seller recente. Três garotos magros, provavelmente do curso de ciência da computação, ocupavam outro canto, analisando um programa que alguém estava desenvolvendo no notebook.

A única outra estudante ali estava sentada de costas para o salão. Seus longos cabelos escuros balançavam sobre os ombros enquanto ela examinava uma enorme pilha de livros e rabiscava em um caderno.

O tempo estava agradável e ainda era o início do semestre. A maioria das pessoas tinha algo melhor para fazer do que ficar na biblioteca em um sábado à noite. Se as suas inscrições para a pós-graduação não fossem tão importantes, aquele seria o último lugar onde ele estaria.

Gabe esfregou a nuca e suspirou, tirando o notebook da bolsa. Estava se candidatando a programas de pós-graduação em economia e considerando algumas das melhores instituições: Harvard, MIT, Universidade de Chicago, Stanford. Era um dos melhores alunos da sua turma da faculdade. Se conseguisse o melhor programa de mestrado e publicasse sua pesquisa com

os economistas mais respeitados da área, poderia ir praticamente para onde quisesse depois disso. Mas primeiro precisava passar em economia global, o que de repente não parecia tão garantido.

Ele pensou em procurar a dra. McGovern e pedir para formar dupla com outra pessoa, mas não era seu estilo reclamar e aquilo não iria impressionar ninguém. Assim, ele aceitou e concordou em se encontrar com a garota do ensino médio. *Anna*. Ele não ia chamá-la de “meu bem”.

O que ele precisava era de um plano. Poderia assumir o comando e delegar algumas tarefas fáceis a Anna — pesquisa básica sobre tópicos que ele determinasse, formatação de tabelas e gráficos, esse tipo de coisa —, guiando o projeto na direção que desejasse. Aquilo poderia funcionar a seu favor. Talvez acabasse sendo mais fácil lidar com uma aluna de ensino médio nervosa e assustada do que com qualquer colega do curso de economia. Poderia dizer a Anna o que queria que ela fizesse, e ela concordaria com tudo.

Gabe esfregou as têmporas, sentindo o peso nos ombros diminuir ligeiramente. Hora de trabalhar. Ele se concentrou nos formulários de inscrição e começou a esboçar sua carta de apresentação.

Três horas depois, ele fechou o notebook e se esticou na cadeira. Os nerds da computação já tinham ido embora havia muito tempo, mas a cabeça da garota de cabelos escuros permanecia curvada sobre o caderno e sua enorme coleção de livros triplicara de tamanho.

Pela janela, ele viu dois caras de moletom e jeans passando, seguindo na direção de Greek Row. Provavelmente calouros a caminho das festas de boas-vindas das fraternidades as quais esperavam pertencer. A fraternidade de Gabe também daria festas daquele tipo nas semanas seguintes. Um grupo de garotas passou também e o som das suas risadas entrou pela janela aberta. Elas usavam vestidos frescos ou calças jeans e regatas, sem dar a mínima para a possibilidade de a temperatura cair depois da meia-noite e de congelarem no caminho de volta para casa.

Gabe checou a hora no celular. A festa devia estar a pleno vapor na casa dele. Talvez ainda conseguisse chegar a tempo de encontrar aquela garota da sororidade.

Ele guardou tudo na bolsa e seguiu em direção à porta. No exato momento em que passou por trás da garota de cabelos escuros, ela estendeu a mão e puxou um livro do meio da pilha. Os volumes tombaram e se espalharam pelo chão. O maior caiu bem em cima do sapato dele.

— Jesus! — Gabe segurou o pé, sentindo a pontada de dor o atravessar.

— Ai, meu Deus, me desculpa! — A garota cobriu a boca, horrorizada, e mergulhou embaixo da mesa para pegar os livros.

— Tá tudo bem. Eu tô bem — disse ele, e se adiantou mancando para ajudá-la.

Quando Gabe se abaixou, teve um vislumbre do rosto ruborizado da garota e oscilou sobre os calcanhares.

Ai, ai. Que inferno. Com tanta gente para esbarrar...

Ele deveria ter imaginado que seria Anna, a aluna do ensino médio, que jogaria livros em cima dele. Gabe tinha a sensação de que ela lhe causaria muitas dores e sofrimentos nos próximos meses.

— E aí, menina?

Anna levantou a cabeça e ficou ainda mais vermelha.

— Oi. — Ela mordeu o lábio. — A propósito, é Anna.

Ele sorriu.

— Eu sei.

Anna pigarreou e se abaixou para pegar o restante dos livros. Gabe a ajudou, e logo os dois já tinham arrumado tudo em duas pilhas organizadas em cima da mesa.

— O que você está fazendo aqui tão tarde da noite? — perguntou Gabe, virando o livro que segurava nas mãos para ler o título. Era *O banqueiro dos pobres: a evolução do microcrédito que ajudou os pobres*. — Muhammad Yunus, é?

Anna pegou o livro da mão dele.

— Isso. E daí?

Gabe sabia que Muhammad Yunus era um dos pioneiros do microcrédito moderno — a prática de emprestar pequenas quantias para ajudar pessoas pobres, que não tinham acesso aos empréstimos tradicionais, a abrirem os próprios negócios. Para que aula seria aquele trabalho dela?

Havia mais alguns livros sobre microfinanças em cima da mesa, então Gabe pegou um chamado *The Making of Haiti*. Espera, Haiti? A dra. McGovern tinha designado um país para cada dupla e o projeto deles se concentrava na investigação e concepção de uma estratégia para melhorar o crescimento econômico.

Eles haviam recebido um e-mail no início daquela semana com a lista de países, e o deles era o Haiti.

— Tudo isso é para o *nosso* projeto?

— Sim. — Anna tentou pegar o livro, mas Gabe segurou-o fora do seu alcance. — Ainda estou avaliando. — Ela endireitou os ombros e olhou nos olhos dele. — Mas... sim, acho que deveríamos considerar nos concentrar em microfinanças.

— Hum... — murmurou Gabe, levantando uma das sobrancelhas. — É, não sei.

Ele já tinha algumas ideias para o projeto e o foco em microfinanças não estava em sua lista.

Em uma segunda tentativa, Anna conseguiu pegar o livro da mão dele.

— Ei, não descarte a ideia só porque não é sua.

— A questão não é de quem é a ideia...

— Olha — interrompeu ela. — Vi um monte de projetos dos últimos anos e, na maioria das vezes, eles se concentravam no crescimento econômico nacional, em coisas como levar industrialização e empregos para as cidades.

Sim, aquilo combinava com o que ele andara pensando.

Anna balançou a cabeça como se pudesse ler a mente dele.

— Só que, em um lugar como o Haiti, muitas pessoas vivem em áreas rurais. Não tem como ter acesso a esses empregos, então os mais pobres ainda continuam sem alternativas. — A voz dela ganhou velocidade. — Acho que deveríamos concentrar o nosso plano nas microfinanças, em capacitar as mulheres nas zonas rurais para que elas possam aumentar seus rendimentos por meio de pequenos negócios. Isso vai permitir que garantam educação aos filhos, que assim estarão qualificados para assumir empregos de nível superior, o que resultará em uma classe média estável. —

Os olhos de Anna voltaram a encontrar os dele e não vacilaram. — Eu tinha pensado em dar uma olhada em mais alguns livros essa noite e levar um esboço para você amanhã, mas acho que você conseguiu pegar a ideia.

Gabe ficou olhando para aquela garota que, de repente, tinha a carreira acadêmica dele nas mãos, e a palavra que lhe veio à mente foi *apagada*. Ela era magra — magra demais — ou talvez só estivesse sobrando em outra camiseta grande demais e calça jeans larga cujo tecido se acumulava em volta dos tornozelos. As olheiras escuras pareciam mais pronunciadas do que no início daquela semana, e seus cabelos escuros caíam longamente pelas costas, meio que minguando nas pontas, do mesmo jeito que acontecia com sua voz quando ela falava.

Quer dizer, do mesmo jeito que acontecia com sua voz quando ela falava... antes de começar a discorrer sobre o projeto deles.

Gabe pressionou a nuca dolorida. A sugestão dela, bem, fazia sentido. Na verdade, era uma ótima ideia. Seria diferente do que os outros grupos estavam fazendo e os ajudaria a se destacar. Aquele também não era um rumo que ele teria seguido sozinho.

Talvez Anna não fosse tão nervosa e assustada quanto ele tinha achado.

Ele se sentou em uma cadeira e pegou um dos livros.

— Tudo bem. Me conta mais sobre o que você está pensando.

Anna sorriu e se sentou na cadeira ao lado dele.

— Bem...

Ela falou sobre o que havia lido e mostrou várias páginas de anotações a Gabe. Ele fez perguntas, alguns comentários e apresentou algumas das próprias ideias, que ela acrescentou ao caderno.

Os dois ficaram sentados ali, conversando, por mais três horas.

Quando terminaram, já tinham anotado no caderno de Anna um plano completo para o projeto, com uma lista dos próximos passos e um cronograma para concluir tudo.

Gabe se recostou na cadeira e olhou para a garota à sua frente com um respeito relutante. Ela não apenas tinha algumas ideias decentes, mas também era organizada.

Eles concordaram em manter o encontro no dia seguinte, mas a biblioteca não estaria tão vazia no domingo como estava naquela noite, e os dois não poderiam conversar à vontade sem incomodar os outros. Gabe considerou brevemente a possibilidade de usar a sala de estudo na casa da fraternidade, mas levar Anna para lá em um domingo, depois de uma grande festa, estava fora de questão. A casa estaria um desastre, cheia de garrafas de bebida e caixas de pizza espalhadas por todo lado, além de pessoas desmaiadas nos sofás da sala. Anna já achava que ele era um cara irresponsável de fraternidade sem precisar ver aquilo.

Não que ele se importasse com o que ela pensava a seu respeito.

— Podemos trabalhar na casa dos meus pais — sugeriu ele. — Eles moram perto, e o meu pai tem um escritório em casa. Lá a gente vai poder conversar e espalhar as nossas coisas sem ninguém nos incomodar.

Anna mordeu o lábio.

— Na casa dos seus pais? A gente não vai incomodar *elas*?

Nunca havia ocorrido a Gabe que os pais poderiam se importar se ele fosse até lá para trabalhar com uma colega de classe. Ele e os irmãos tinham entrado e saído de casa com um fluxo constante de amigos durante toda a vida. A mãe nem saberia o que fazer sem uma multidão constante para alimentar e entreter.

— Não, claro que não. Eu vou lá todo domingo, de qualquer forma.

— É mesmo? — Anna arregalou os olhos, irônica. — Por quê? A sua mãe lava a sua roupa?

Gabe suspirou. Depois de três horas trabalhando juntos no projeto — de forma muito amistosa —, tivera esperança de que Anna tivesse desenvolvido um pouco mais de respeito por ele.

— Eu lavo a minha própria roupa, obrigado.

Os lábios de Anna se contraíram no que poderia ter sido um sorriso. Ela estava implicando com ele?

— Na verdade, eu vou pra jantar com eles. — Gabe se levantou e arrumou a bolsa. — O meu irmão e as minhas irmãs normalmente também estão lá. O jantar de domingo é uma espécie de tradição familiar. — Ele

encolheu os ombros. — E os seus pais? Eles não se importam que você fique fora de casa até... — Ele checou o celular. — Nossa. Uma da manhã?

Anna desviou os olhos para os livros que estava segurando.

— Ah, somos só a minha mãe e eu. E ela normalmente trabalha à noite em uma casa de repouso, então...

Ela deu as costas e levou os livros para um carrinho da biblioteca.

Gabe ergueu as sobrancelhas. Ele e os irmãos tinham um horário rígido para estar em casa na época do ensino médio. E onde estava o pai dela? Ele a seguiu com outra pilha de livros.

— Como você costuma ir pra casa?

— De ônibus. Como é sábado à noite, acho que ainda está passando.

Já que a mãe de Anna trabalhava à noite, talvez não soubesse que a filha estava fora tão tarde. De jeito nenhum ela iria querer que a garota andasse com toda aquela gente estranha que pegava ônibus à uma da manhã.

— Eu levo você.

Anna ergueu os olhos bruscamente.

— Ah, não, não precisa. O ônibus é tranquilo, sério. Eu o pego o tempo todo.

— Olha, menina. Sei que você acha que sou um cara idiota de fraternidade...

— Eu não acho isso!

— ... mas não vou deixar você voltar pra casa de ônibus sozinha à uma da manhã, entendeu?

Anna hesitou, então assentiu.

— Tudo bem. Obrigada.

Eles saíram pelas portas da biblioteca e desceram a rua. A temperatura havia caído cerca de quinze graus desde o pôr do sol, e Anna cruzou os braços na frente da camiseta desbotada. Gabe tirou o moletom com zíper e o ofereceu para ela, que olhou de lado para ele, mas acabou estendendo a mão lentamente para aceitar.

— Obrigada.

Os dois caminharam por alguns minutos antes de Gabe quebrar o silêncio.

— Então, como você conseguiu que a McGovern te aceitasse na turma? Sei que você é a melhor e a mais genial e tudo mais, mas a maioria de nós precisou passar os últimos três anos reunindo os pré-requisitos necessários.

— Ah, sabe como é... — Anna se virou para ele com um sorrisinho torto no rosto. — Eu tive um caso com ela.

Gabe deixou escapar uma risada surpresa. A dra. McGovern se casara com uma das suas ex-assistentes de pós-graduação, e havia rumores de que o envolvimento tinha começado quando a assistente ainda era aluna dela. Ele não teria imaginado que Anna prestasse atenção às fofocas, muito menos que fosse fazer piadas a respeito.

— Aquele sofá xadrez no escritório dela é mais confortável do que parece — brincou Anna.

Gabe balançou a cabeça, ainda rindo.

— Nunca mais vou conseguir olhar para aquela mulher da mesma maneira.

Eles caminharam em silêncio por mais algum tempo, então Anna disse em voz baixa:

— Na verdade, eu li o livro dela.

Gabe parou de andar.

— Agora eu sei que você está mentindo. De jeito nenhum você leu *Os novos princípios da economia*.

O livro da dra. McGovern era lendário entre os estudantes do curso. Muitos tinham tentado ler, inclusive Gabe, mas ninguém que ele conhecia havia passado do segundo capítulo. Com 750 páginas, era uma obra prolixa, incoerente, cheia de termos obscuros e impossível de acompanhar. Naquele momento, o exemplar de Gabe estava sendo usado para manter a janela do quarto dele aberta.

— Eu li, e aí perguntei se a gente podia conversar a respeito. Passei *duas horas e meia* sentada naquele sofá da sala dela. Aliás, retiro o que disse. Ele *não* é mais confortável do que parece.

Gabe sorriu com admiração. Anna já o impressionara só por ter lido aquele livro horrível, mas se dispor a debatê-lo exigia muito mais coragem do que ele tinha imaginado que ela teria.

— Eu *cumpria* alguns dos pré-requisitos, então perguntei se poderia assistir às aulas dela. A dra. McGovern assinou a autorização na mesma hora. — Anna deu uma risadinha, fazendo Gabe se lembrar da irmã mais nova dele, o que foi revigorante. Ela parecia tão séria e reservada que era fácil esquecer que era só uma menina. — Acredite, ter um caso com ela teria sido mais fácil.

Gabe riu.

— Vou me lembrar disso quando tiver que pedir recomendações para a pós-graduação.

Quando chegaram ao carro, Gabe abriu a porta para ela. Anna deu instruções de como chegar no seu bairro, então quis saber sobre a pós-graduação. Ele contou sobre as inscrições e a carta de apresentação que havia escrito. Pela segunda vez naquela noite, Anna o surpreendeu. Era tão fácil conversar com ela, e ela tinha algumas ideias muito inteligentes. A maior parte dos amigos dele na fraternidade era formada em engenharia ou ciências da computação, por isso não tinha muito preparo para falar sobre teorias econômicas. Além do mais, ele e os caras não tinham aquele tipo de relacionamento.

O trajeto de dez minutos até a casa de Anna passou rapidamente. Ao cruzarem a ponte Bloomfield em direção ao bairro de Lawrenceville, em Pittsburgh, Gabe percebeu que havia crescido a poucos quilômetros de onde ela morava, mas nunca tivera um motivo para ir até lá antes. Ele ouvira em algum lugar que, trinta anos antes, Lawrenceville tinha sido um bairro agradável, com casas geminadas de tijolos, sólidas. Mas Gabe sabia que, no momento, a área era conhecida principalmente pelas drogas, pelos crimes e pela prostituição. Ao subir a rua dela, passou por várias janelas fechadas com tábuas e varandas caindo aos pedaços.

Gabe parou o carro e, enquanto Anna tirava o moletom dele para devolver e pegava a mochila, examinou a casa dela. Era uma casa grande em estilo vitoriano, que, anos antes, provavelmente tinha sido o lar de uma família rica, mas, em algum momento, fora dividida em apartamentos, o que era evidente pelo número de caixas de correio desgastadas pregadas na parede de tijolos. A varanda não via uma demão de tinta havia pelo menos

três décadas e os degraus que levavam à porta da frente pareciam prontos para serem levados pelo próximo vento forte.

Ele tentou não ser esnobe. Talvez fosse um bom lugar do lado de dentro.

Os dois combinaram que ele a pegaria ali no dia seguinte, e Anna desceu do carro. Gabe continuou onde estava para se certificar de que ela entraria bem em casa. Enquanto Anna se dirigia para a porta, ele a viu pular uma tábua de madeira traiçoeira na escada e desviar de uma velha lata de café instantâneo que parecia estar servindo de cinzeiro. Ela colocou a chave na porta da frente e acenou ao entrar.

Quando ela já estava quase fechando a porta, Gabe abaixou o vidro da janela.

— Ei, menina.

Anna abriu a porta novamente.

— Sim?

Gabe sorriu para ela.

— Você trabalhou bem hoje.

— Você também.

Quando ela relaxava, seu sorriso realmente iluminava o rosto. Gabe a viu desaparecer dentro de casa e foi embora, rindo da história dela sobre o livro de McGovern.

Quando já estava na metade do caminho para casa, ele praguejou baixinho e bateu no volante. Tinha esquecido completamente daquela garota da sororidade que pretendia encontrar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tudo me leva de volta a você" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).